



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO**  
**DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES**

**ENTRE “HUMILHAÇÕES” E “CONTRARIEDADES”: REPRESENTAÇÕES DE  
CONFLITOS SOCIAIS NA POESIA DE CESÁRIO VERDE**

**Por: Maria Verônica de Oliveira**

**CAMPINA GRANDE - PB**

**2016**

**MARIA VERÔNICA DE OLIVEIRA**

**ENTRE “HUMILHAÇÕES” E “CONTRARIEDADES”: REPRESENTAÇÕES DE  
CONFLITOS SOCIAIS NA POESIA DE CESÁRIO VERDE**

Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso, requisito para a conclusão do curso de licenciatura em Letras na Universidade Estadual da Paraíba, na área de Língua Portuguesa, sob a orientação do Prof. Dr. Antônio Carlos Melo Magalhães.

**CAMPINA GANDE - PB**

**2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

O48e Oliveira, Maria Verônica de  
Entre "humilhações" e "contrariedades" [manuscrito] :  
representações de conflitos sociais na poesia de Cesário Verde /  
Maria Veronica de Oliveira. - 2016.  
19 p.

Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -  
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.  
"Orientação: Prof. Dr. Antônio Carlos Melo Magalhães,  
Departamento de Letras e Artes".

1. Poesia Brasileira 2. Sujeito 3. Conflito Social 4.  
Desigualdade Social I. Título.

21. ed. CDD B869.1

MARIA VERÔNICA DE OLIVEIRA

**ENTRE “HUMILHAÇÕES” E “CONTRARIEDADES”: REPRESENTAÇÕES DE  
CONFLITOS SOCIAIS NA POESIA DE CESÁRIO VERDE**

Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso, requisito para a conclusão do curso de licenciatura em Letras na Universidade Estadual da Paraíba, na área de Língua Portuguesa, sob a orientação do Prof. Dr. Antônio Carlos Melo Magalhães.

Aprovada em: 25 de maio de 2016.

**BANCA EXAMINADORA**

Antônio Carlos Melo Magalhães 8,0

**Prof. Dr. Antônio Carlos Melo Magalhães – UEPB**

**(Orientador)**

Luciano Barbosa Justino 8,0

**Prof. Dr. Luciano Barbosa Justino – UEPB**

**(Avaliador)**

Anna Giovanna Rocha Bezerra 8,0

**Prof. Dr<sup>a</sup> Anna Giovanna Rocha Bezerra – IFPB**

**(Avaliadora)**

**Nota:** 8,0

**Dedico a Judith Graziela, com quem dividi momentos de conflitos pessoais e profissionais. A está amiga que soube me ouvir e também me orientar em alguns descaminhos trilhados na vida.**

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, aquele que me concedeu o privilégio de viver, Deus, meu Salvador.

Ao professor e orientador, Dr. Antônio Carlos Magalhães por tantos SIM, e por me conceder a graça de alcançar o resultado final deste trabalho.

Aos meus familiares, papai, mamãe, irmãos, cunhadas e cunhado que sempre me apoiaram, incentivaram e me compreenderam nos momentos em que precisei me ausentar de suas vidas e me dedicar ao processo de escrita deste trabalho.

Aos amigos em geral que me apoiaram e me incentivaram nesse desafio árduo. Em especial, ao coleguinha Wêndalo Gomes, a quem me dedicou um pouquinho do seu tempo para a produção dos slides e me dedica sempre que solicito um pouco mais de seu tempo precioso no que se refere a nossas vidas pessoais e profissionais.

E, por fim, não por ser o de menos importância, mas por ser o MELHOR em mim, meus agradecimentos mais que especial ao amigo, companheiro e amante, Álisson de Albuquerque Alves, com quem dividi 13 anos de minha vida numa relação mista, de sentimentos imbricados e capazes de perpassar qualquer limite, como o próprio define. Obrigado por ser essa pessoa em minha vida e por estar sempre disponível e me ajudar no que preciso.

## ENTRE “HUMILHAÇÕES” E “CONTRARIEDADES”: REPRESENTAÇÕES DE CONFLITOS SOCIAIS NA POESIA DE CESÁRIO VERDE

Maria Verônica de OLIVEIRA  
[veron.quinhadeoliveira@hotmail.com](mailto:veron.quinhadeoliveira@hotmail.com)  
DLA/UEPB

**Resumo:** o presente artigo abordará a seguinte temática: os conflitos sociais vividos pelo sujeito representado na poesia de Cesário Verde, com o objetivo principal de analisar, especificamente nos poemas “Humilhações” e “Contrariedades”, de que forma os sujeitos, sobretudo o que está configurado na imagem do eu - lírico, são influenciados pelo meio social no qual estão inseridos para a manutenção de conflitos sociais e desigualdades. A discussão acerca dessa temática se faz necessária por nos inquietarmos a respeito da influência do meio no comportamento dos indivíduos e nas condições sociais que estes desenvolvem no contexto em que estão inseridos. Assim, quando tomamos como foco de estudo a poesia de Cesário Verde, mesmo que o sujeito esteja inserido em um lugar de civilização, este espaço pode sim ser também um lugar de vulnerabilidade e conflitos sociais vividos pelo sujeito. Portanto, recorreremos à ficção, especificamente à construção poética do escritor português Cesário Verde, para observarmos se esta relação se torna possível, e justificamos a escolha deste autor e de sua obra porque percebemos uma recorrência à abordagem do tema. Foi feito um estudo bibliográfico e catalogação de poemas do autor que tratam da temática abordada, até chegar à escolha dos poemas que vão ser utilizados como objeto de estudo. Para tal estudo, nos embasamos nos seguintes teóricos, Saraiva (2005), Candido (1998), Moises (2006, 2008). A partir do que foi analisado com a leitura dos poemas de Cesário Verde, percebemos que, em sua obra, especificamente nos poemas “Humilhações” e “Contrariedades”, é muito forte a presença de sua identificação com os conflitos sociais do indivíduo, como sendo, nos perfis apresentados pelo eu lírico, relacionados ao sofrimento, à humilhação, ao descaso com o sujeito. O poeta, em suas produções, vem nos mostrar o quanto os conflitos sociais estão associados às situações de risco e de vulnerabilidade do sujeito.

**PALAVRAS – CHAVE:** sujeito; conflitos sociais; desigualdades.

### 1. INTRODUÇÃO

É sabido que a ficção literária foi/é uma manifestação artística bastante viável para recriar uma dada realidade no sentido de representar diversos cenários socioculturais, principalmente quando nos referimos à sociedade, à personalidade do sujeito e à própria história, uma vez que, de acordo com Candido (1998), há uma relação entre três fatores – Autor, Obra e Público – que enquadram a produção literária em dois pontos, o de partida – o sujeito e a sociedade – e o de chegada – o texto literário. Vale considerar, nesse propósito, que, na análise do texto literário, não é prioridade destacar dados referentes ao autor, mas sim as representações manifestadas dentro do texto, criadas a partir de dados da realidade exterior. Nesse sentido, a literatura é capaz de vislumbrar ideias não apenas de ordem estética e textual, mas também ideias de natureza sociocultural.

Cândido (2007), ao discutir as relações que envolvem autores, obras e público, as quais ele chama de sistema literário, aponta que os fatores sociais não devem ser considerados externos, mas como elementos da própria condição artística.

Ao nos debruçarmos na literatura portuguesa, por exemplo, percebe-se que esta nasceu entre os séculos XII e XIII e foi/é uma literatura carregada de influências étnicas e culturais partindo da referência aos povos ingleses, árabes, franceses, entre outros, que favoreceram na construção de suas próprias características. De acordo com Moises (2008, p. 17), uma das características marcantes da literatura portuguesa está relacionada ao apego de seus escritores aos seus lugares de origem, ou seja, *diante da angústia geográfica, o escritor português opta pela fuga ou pelo apego à terra de origem, matriz de todas as inquietudes e confidente de todas as dores, centro de inspiração e nutridora de sonhos e esperanças.*

Quando chegamos ao século XIX, especificamente na década de 1860, a literatura portuguesa foi marcada, segundo Moisés (2006), pelo fim do Romantismo e, conseqüentemente, o início do Realismo, ou seja, surgiam novas ideias, deixando as ideias ultrapassadas para trás, como expressa o trecho abaixo:

Era inevitável o encontro sangrento entre a mentalidade ultrapassada e a nova visão das coisas a se impor com violência e rudeza, graças a um grupo de jovens que ocupam os bancos da Universidade de Coimbra entre 1858 e 1865. Constituindo-se a primeira grande geração de escritores portugueses conduzida por comum ideal de vida, a única geração no sentido rigoroso do termo, cresceu sob o influxo de fórmulas civilizacionais de vanguarda, aquelas que agitavam a Europa do tempo: Evolucionismo, Socialismo, Positivismo... Como sempre, o espírito velho a querer manter-se vivo, e o novo a fazer-se presente de modo impávido, briguento, revoltado. (MOISES, 2006, p. 163)

O Realismo foi introduzido em 1865 e se prolongou até os fins do século XIX. Este foi um movimento que chegou para revolucionar a literatura portuguesa. A época realista é riquíssima de poetas, representada por grandes nomes, em especial, Cesário Verde, cuja produção será fruto de estudo do nosso trabalho.

Assim, este Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura Plena em Letras surgiu da necessidade da produção de um trabalho acadêmico com a finalidade de concluir o Componente Curricular *Literatura da Língua Portuguesa* da Modernidade à Contemporaneidade, partindo da pesquisa acerca do tema: os conflitos sociais vividos pelo o sujeito na poesia de Cesário Verde. Dessa forma, partimos do objetivo principal de analisar,

especificamente nos poemas “Humilhações” e “Contrariedades”, de que forma os sujeitos, sobretudo o que está configurado na imagem do eu - lírico, são influenciados pelo meio social no qual estão inseridos para a manutenção de conflitos sociais e desigualdades.

Nesse sentido, a discussão acerca dessa temática se faz necessária por nos inquietarmos a respeito da influência do meio no comportamento dos indivíduos e nas condições sociais que estes desenvolvem no contexto em que estão inseridos. Assim, mesmo que o sujeito esteja inserido em um lugar da civilização, este pode sim ser também um espaço de vulnerabilidade e conflitos sociais vividos pelo sujeito. Portanto, recorreremos à ficção, especificamente à construção poética do escritor português Cesário Verde, para observarmos se esta relação se torna possível, e justificamos a escolha deste autor e de sua obra porque percebemos uma recorrência à abordagem do tema.

Para tanto, realizamos, inicialmente, um trabalho de catalogação de poemas do autor que tratam da temática abordada; em seguida, o estudo acerca de um aporte teórico para fundamentar a nossa análise; e por último, a partir da escolha dos dois poemas que foram utilizados como objeto de estudo, chegamos ao resultado da pesquisa com a análise dos dados.

## **2. ALGUNS PRESSUPOSTOS TEÓRICOS**

### **2.1. CONSIDERAÇÕES ACERCA DA VIDA E DA OBRA DE CESÁRIO VERDE**

De origem humilde, filho de comerciante e agricultor, o poeta português José Joaquim Cesário Verde nasceu em Lisboa no ano de 1855. Frequentou por alguns meses o Curso Superior de Letras. Na academia, conheceu Silva Pinto, também escritor português, que se tornou seu amigo e lhe compilou os versos depois da morte. O poeta veio a óbito ainda jovem, vítima de tuberculose. Apesar da tristeza causada pela doença, Cesário Verde não desistiu de escrever seus poemas, e tal motivo o inspirou para a produção do poema “Nós” que relata sua experiência com a tuberculose, uma vez que esta doença lhe tirara dois de seus familiares.

Cesário Verde não teve o privilégio de ver sua obra sendo reconhecida, uma vez que, após a sua morte, seu amigo Silva Pinto reuniu seus poemas e publicou, em sua homenagem, o livro intitulado “O livro de Cesário Verde”.

De acordo com Moises (2006),

De apagada e inexpressiva existência, publicando seus versos em jornais e revistas, Cesário Verde desconheceu o prestígio em vida. Só nos últimos anos a crítica tem procurado mostrar a força peregrina de sua poesia, colocando-a entre as maiores de seu tempo e, algumas vezes, de toda a Literatura Portuguesa. (Moises, 2006, p.244)

Uma das características marcantes na poesia de Cesário Verde é o uso frequente da realidade do mundo, ou seja, do cotidiano. Assim, Moises (2006) nos descreve com propriedade no trecho abaixo:

Cesário Verde inverte, pela primeira vez na história dos ciclos poéticos portugueses, a relação poeta x mundo. Poeta “realista”, seu realismo só é fotográfico na aparência, porque, em vez de exterior, tendo seu objeto fora da consciência e da sensibilidade do poeta, é profunda e exclusivamente interior, por identificar-se com a consciência e a sensibilidade. Nesse binômio, está claro, a parte principal cabe ao subjetivo, isto é, a emoção da coisa está antes e acima da coisa. Importa ver que o processo identificador, acompanhado de certo dantismo, poderia levar ao refinado, ao requintado, à nota rara e impressionante, como pouco depois faria Eugenio de Castro. Ao contrário, conduz Cesário Verde a projetar-se nas coisas, no mais prosaico da vida cotidiana, em busca de apreender a imagem fugaz do Mundo em permanente dinamismo. É a poesia do cotidiano, do atual, do trivial, desobediente a qualquer escala de nobreza artística. Tudo é motivo de poesia e só ao poeta cumpre dar a última palavra. (MOISES, 2006, 244-245)

Diante do exposto na citação acima, podemos afirmar que a poesia de Cesário Verde vem abordar três principais temáticas, são elas: imagética feminina, associada à cidade, e representada através da figura da mulher fatal, bela, fria, distante e que ignora e humilha o eu poético, como também a imagética feminina associada ao campo, sendo que nesta a mulher é representada como um ser puro, angelical. Outra temática está relacionada às questões sociais, através da qual o autor traz à tona a preocupação e a revolta no que diz respeito à opressão social, ao abandono e à humilhação, em que se encontram os sujeitos desfavorecidos. Saraiva (2005, p.926) nos fala a respeito dessas temáticas apontando que *Cesário teve também de vencer o misto hiperbólico de ódio-adoração à mulher aristocratizada e distante, estigma de um sentimento de inferioridade social*. Nesse sentido, a imagem feminina aristocratizada é apresentada como uma das principais responsáveis pela desigualdade social que o autor tanto aborda em sua poesia, criando um abismo existente entre o eu poético e a imagem da mulher representada.

E, por fim, temos, como a principal temática abordada em sua obra, o binômio cidade/campo que faz referência à cidade como local de opressão social, de agitação, de miséria, doenças, mas também como local de progresso. Já no que se refere ao campo, Cesário Verde nos mostra este ambiente como um local de paz, saúde, liberdade, totalmente contrário à cidade. E é sobre essa dualidade e, principalmente, a influência que ela tem na

manutenção dos conflitos sociais, que estudaremos, como temática central, no próximo ponto do artigo, o qual será também o norte da nossa análise.

## 2.2. UM OLHAR SOBRE O BINÔMIO CIDADE X CAMPO

Cesário Verde, em seus poemas, tem como tema principal o binômio Cidade X Campo, o qual nos conduz simbolicamente para a oposição Morte/Vida, já que, em sua obra, a cidade representa lugar de infecção de doenças, opressão, injustiças. E o campo é representado como sendo o lugar de liberdade, pureza, vida.

Saraiva (2005) nos relata:

Esse poeta, quase sem precedentes nem continuadores entre nós, assimilando organicamente o que aprendeu de Baudelaire e Coppée, descobre a beleza enérgica da “riqueza química do sangue” nos operários “enfarruscados e secos”, dos arsenais, ou de um “cardume negro” de varinas, ou do tinir no granito do aço dos calceteiros, e de toda a utensilagem dos ofícios manuais; vibra em simpatia com toda uma cidade viva, por vezes num “desejo absurdo de sofrer”: com o enjoo do gás extravasado, o chorar dos pianos das burguesinhas, o arrepio de um “Dezembro enérgico e sucinto”, com o Sol espelhado nas poças da chuva recente, as trindades, os passos da patrulha, o toque das grades nas cadeias, os clarões das lojas nas naves das ruas, uma hortaliçeira regateando para o pão, uma engomadeira tuberculizando e sem ceia, os focos infecciosos da febre-amarela. Sente-se frequentemente o conflito entre a simpatia pelo povo urbano ou rural explorado e o ditame naturalista de impassibilidade descritiva, reforçado pela ideia darwinista de que os fracos (inaptos ou decadentes) estão condenados a perecer. (SARAIVA, p. 926)

Diante do exposto, percebemos, segundo Saraiva (2005), o quanto Cesário Verde estava envolvido pelo cotidiano, pelo simples e acima de tudo pelo real. O poeta, em suas poesias, nos traz a beleza do natural, ou seja, ele faz poesia a partir de uma realidade, sua vivência e convivência. Nesse sentido, é importante observarmos e frisarmos a importância que o autor atribui, em suas poesias, à dicotomia Cidade X Campo, uma vez que parte da representação da realidade de sujeitos sociais que não tiveram o privilégio de aparecer em obras de outros autores, sejam eles realistas, ou de outros movimentos literários que o antecederam.

Esse binômio nos revela o quanto ele valoriza o natural e o social, uma vez que, em alguns de seus poemas, ele traz de forma clara seu gosto pela vida no campo, assim como deixa bem clara sua insatisfação diante da imagem da cidade.

Para Cesário, a cidade está associada à falta de amor, relaciona-se com doenças, infecções. A cidade é representada como a responsável, de forma ativa, pela opressão do indivíduo, o qual se torna, nesse contexto, um sujeito sem força, sem liberdade e, acima de tudo, sem vida. Dessa forma, a cidade é o símbolo que sinaliza para a opressão, para a injustiça e, acima de tudo, para a desigualdade social.

No que se refere ao campo, o poeta o desenha como uma imagem alegre, dotada de vida, de liberdade, de saúde e, acima de tudo, de amor. Ainda de acordo com Saraiva (2005, p. 926), Cesário Verde é o poeta que retrata e ironiza num quadro real, ou examina o campo com olhar de administrador.

Nesse sentido, vale salientar que não importa o ambiente no qual o sujeito esteja inserido, seja cidade, seja campo, o que importa é o olhar a partir do qual o poeta expõe a realidade que impressiona de verdade, já que esta está associada à vida do trabalhador pobre, da mulher bonita, da feia, da engomadeira, dentre outros personagens/representações que vêm despertar uma visão direcionada para a crítica social.

### **3. REPRESENTAÇÕES DE CONFLITOS SOCIAIS EM *HUMILHAÇÕES E CONTRARIEDADES***

Os poemas *Humilhações e Contrariedades* que nos servirão de objeto de estudo para análise do nosso trabalho estão inseridos no livro intitulado como *O livro de Cesário Verde*, organizado e publicado por Silva Pinto, no ano de 1887, grande amigo do poeta, um ano após o seu falecimento. O livro reúne os poemas de Cesário Verde, poeta que, de acordo com Abdala & Paschoalin (1985), traz em sua poesia registros de imagens do cotidiano citadino se contrapondo com o do campo. Nossa análise se limitará às imagens voltadas para o espaço da cidade já que nosso objetivo é observar na obra de Cesário Verde a influência do meio social como principal responsável pelos conflitos do sujeito. Em sua obra, o contexto social em que o eu- poético está inserido é relacionado diretamente a doenças, mortes, opressão, injustiça social, domínio da classe burguesa em relação às classes menos favorecidas, além da falta de afetividade.

Nesse caso, analisaremos os poemas *Humilhações e Contrariedades* de Cesário Verde com o propósito de, como defende Candido (1998):

fazer uma crítica integradora, capaz de mostrar (não apenas enunciar teoricamente, como é hábito) de que maneira a narrativa se constitui a partir de materiais não literários, manipulados a fim de se aspectos de uma organização estética regida pelas suas próprias leis, não as da natureza, da sociedade ou do ser. No entanto, natureza, sociedade e ser parecem presentes em cada página, tanto assim que o leitor tem a impressão de estar em contato com realidades vitais, de estar aprendendo, participando, aceitando ou negando, como se estivesse envolvido nos problemas que eles suscitam. Esta dimensão é com certeza a mais importante da literatura do ponto de vista do leitor, sendo o resultado o mais tangível do trabalho de escrever. O crítico deve tê-la constantemente em vista, embora lhe caiba sobretudo averiguar quais foram os recursos utilizados para criar a impressão de verdade. (CANDIDO, 1998, p. 9)

Diante do exposto, cabe ao crítico fazer sua análise a partir dos dados que lhe permitem averiguar e provar a veracidade dos fatos a partir da construção de compreensão do olhar crítico, gerando assim, um novo olhar. É nesse sentido que buscaremos analisar os dados oferecidos nos poemas de Cesário Verde, com o intuito principal de objetivar o que foi proposto, ou seja, partimos do objetivo principal de analisar, nos poemas “Humilhações” e “Contrariedades”, de Cesário Verde, as representações de conflitos vividos pelo sujeito atrelado às amarras sociais de injustiças e desigualdades.

Partindo para a análise dos poemas, iniciaremos pelo poema *Humilhações*, a partir do qual, de início, percebemos que o mesmo pode ser dividido em duas partes. A primeira parte compreende as oito primeiras estrofes e a segunda parte se constitui nas duas últimas estrofes, conforme o apresentaremos a seguir na íntegra:

### **Humilhações**

Esta aborrece quem é pobre. Eu, quase Jó,  
Aceito os seus desdêns, seus ódios idolatro-os;  
E espero-a nos salões dos principais teatros,  
Todas as noites, ignorado e só.

Lá cansa-me o ranger da seda, a orquestra, o gás;  
As damas, ao chegar, gemem nos espartilhos,  
E enquanto vão passando as cortesãs e os brilhos,  
Eu analiso as peças no cartaz.

Na representação dum drama de Feuillet,  
Eu aguardava, junto à porta, na penumbra,  
Quando a mulher nervosa e vã que me deslumbra  
Saltou soberba o estribo do coupé.

Como ela marcha! Lembra um magnetizador.  
Roçavam no veludo as guarnições das rendas;

E, muito embora tu, burguês, me não entendas,  
Fiquei batendo os dentes de terror.

Sim! Porque não podia abandoná-la em paz!  
Ó minha pobre bolsa, amortalhou-se a ideia  
De vê-la aproximar, sentado na plateia,  
De tê-la num binóculo mordaz!

Eu ocultava o fraque usado nos botões;  
Cada contratador dizia em voz rouquenha:  
— Quem compra algum bilhete ou vende alguma senha?  
E ouviam-se cá fora as ovações.

Que desvanecimento! A pérola do Tom!  
As outras ao pé dela imitam de bonecas;  
Têm menos melodia as harpas e as rabecas,  
Nos grandes espetáculos do Som.

Ao mesmo tempo, eu não deixava de a abranger;  
Via-a subir, direita, a larga escadaria  
E entrar no camarote. Antes estimaria  
Que o chão se abrisse para me abater.  
Fim da 1ª parte

-----  
Saí: mas ao sair senti-me atropelar.  
Era um municipal sobre um cavalo. A guarda  
Espanca o povo. Irei-me; e eu, que detesto a farda,  
Cresci com raiva contra o militar.

De súbito, fanhosa, infecta, rota, má,  
Pôs-se na minha frente uma velhinha suja,  
E disse-me, piscando os olhos de coruja:  
— Meu bom senhor! Dá-me um cigarro? Dá?...  
Fim da 2ª parte  
-----

No início do poema, logo na primeira estrofe, o poeta faz uma comparação ao personagem bíblico Jó, homem de caráter e de uma ética inquestionável. Na narrativa da vida de Jó o mesmo é marcado pelas humilhações, sofrimentos, perdas, abandonos, injustiças, dores e desprezos que o mesmo sofre na vida, uma vez que este é fiel e temente a Deus e que aceita todas as desgraças por idolatração ao seu Deus, seu Salvador. A comparação feita pelo poeta com a história de Jó se dá pelo fato do eu - lírico também ser humilhado e desprezado por sua amada que se encontra em uma condição de vida melhor do que a dele, mas que mesmo assim, diante de todas as humilhações ele a idolatra. A segunda estrofe é marcada pelo incômodo do ranger da seda, ou seja, o eu - lírico se incomoda pelo fato de não fazer parte

daquele mundo, mundo artificial, desumano que advém da civilização urbana, uma das fortes características do poeta em estudo, para ele a vida na cidade é marcada pela artificialidade e pela desumanidade, uma vez que, é nesse espaço que as desigualdades sociais são encontradas de forma gritante.

Na terceira estrofe, o poeta descreve a presença do eu - lírico aguardando junto à porta do teatro para ver a sua amada, mulher inatingível, inalcançável, por pertencer a outra realidade social bem diferente da sua, como revela o verso *“Eu aguardava, junto à porta, na penumbra”*.

O eu lírico relata a humilhação que sofre por desejar aquela mulher que lhe humilha e se desfaz dele. Ainda nessa estrofe percebemos a figura feminina definida pela mulher burguesa, rica e que mostra uma distância enorme entre ela e o eu lírico, pelo fato, do mesmo não estar na mesma classe social que ela, motivo que a leva a desprezá-lo e torná-lo cada vez mais distante de sua amada:

*“E entrar no camarote. Antes estimaria  
Que o chão se abrisse para me abater.”*

Nas demais estrofes da primeira parte do poema, o poeta descreve a diferença social que há entre o eu-lírico e sua amada ao descrever suas vestimentas, o local onde o mesmo se encontra, no caso do lado de fora do teatro, onde a amada assiste ao espetáculo sentada no camarote e ele assiste apenas o percurso que a mesma faz para entrar no teatro, falta-lhe dinheiro, vestimentas adequadas em comparação aos que ali estão presentes. O eu-lírico é pobre, porém com certo grau de conhecimento elevado, fato observado quando ele diz que espera a chegada de sua amada e que até ela chegar fica a analisar as peças no cartaz.

Mais uma vez é lançada uma crítica a sociedade desigual, injusta que não está nem um pouco interessada ao que acontece ao seu redor, que os menos favorecidos são tratados de forma humilhante, indiferente, desprezível, pontos que marcam a obra de Cesário Verde por ele ser um poeta que se incomoda com as diferenças de classes sociais.

Cesário é tido como o poeta do cotidiano, de uma linguagem clara, sem muitos rodeios para expressar o que deseja e o que quer passar para o leitor, isso fica claro e evidente na segunda parte do poema, quando o mesmo denuncia a guarda municipal espancando o povo, o mesmo confessa se revoltar contra os militares diante de tais atitudes.

*“Saí: mas ao sair senti-me atropelar  
Era um municipal sobre um cavalo. A guarda  
Espanca o povo. Irei-me; e eu, que detesto a farda,  
Cresci com raiva contra o militar.”*

Nessa estrofe, o autor faz uma crítica social, na qual mostra com clareza a opressão do povo comum diante dos poderosos, das autoridades, como também a indignação com relação ao tratamento do povo humilde. E na última estrofe, com sua linguagem clara e objetiva, Cesário Verde nos apresenta mais uma crítica no que se refere à sociedade, desta vez ele nos mostra uma verdadeira imagem do contexto social como responsável por um dos maiores conflitos do sujeito – a convivência dentro da perspectiva de desigualdade social.

*“De súbito, fanhosa, infecta, rota, má,  
Pôs-se na minha frente uma velhinha suja,  
E disse-me, piscando os olhos de coruja:  
— Meu bom senhor! Dá-me um cigarro? Dá?...”*

É nessas duas últimas estrofes, ou seja, na segunda parte do poema que Cesário Verde mostra a identificação do eu - lírico com sua realidade social, ou seja, no poema é mostrado duas realidades: na primeira, o eu - lírico contemplando a amada, mulher burguesa que o despreza por está inserida em uma condição social diferente da dele; nesse caso, podemos afirmar que, nessa realidade representada no poema, o sujeito lírico se encontra fora de sua realidade social; já na segunda parte, ao se encontrar com a velhinha, o eu- lírico se encontra de fato com sua realidade social, a de um povo oprimido, injustiçado e desprezado pelo sistema, carente, e acima de tudo humilhado pelos poderosos.

É na figura dessa velhinha que o autor deixa claro a representação, em sua obra, da imagem dos conflitos sociais. Em suma, o poema *Humilhações*, desde seu título, nos mostra o

que de fato o autor pretende nos passar, ou seja, a humilhação na qual o povo oprimido se encontra, seja no que se refere à vida social, seja na vida particular do indivíduo.

Percebe-se, como bem descreve Abdala e Paschoalin (1985), que há uma metáfora básica que pode ser observada na relação do sujeito lírico com a cidade, esta comparada à relação com a mulher. Tal metáfora se constitui tanto do poema em estudo quanto em outros poemas do autor não citados na nossa análise.

O poeta busca nas imagens concretas da cidade a dimensão humana, o sensualismo que ela perdeu, devido ao grosseiro desenvolvimento capitalista. A fria cidade-mulher o subjuga, como ao operário. Ela é dominadora, falta-lhe a naturalidade que é própria do amor. Nas relações amorosas entre o poeta e a cidade-mulher, falta igualmente a vitalidade biológica, inerente ao amor realista. (Abdala e Paschoalin, 1985, p. 115).

Para o poema *Contrariedades*, o qual apresentaremos a seguir em sua íntegra, temos imagens ainda mais fortes desse universo de conflitos sociais que determinam limites entre o opressor e o oprimido. Temos o perfil de dois sujeitos com suas peculiaridades, mas que caminham na mesma direção – o eu lírico e a representação feminina através da imagem da engomadeira.

### **Contrariedades**

Eu hoje estou cruel, frenético, exigente;  
Nem posso tolerar os livros mais bizarros.  
Incrível! Já fumei três maços de cigarros  
Consecutivamente.

Dói-me a cabeça. Abafo uns desesperos mudos:  
Tanta depravação nos usos, nos costumes!  
Amo, insensatamente, os ácidos, os gumes  
E os ângulos agudos.

Sentei-me à secretária. Ali defronte mora  
Uma infeliz, sem peito, os dois pulmões doentes;  
Sofre de faltas de ar, morreram-lhe os parentes  
E engoma para fora.

Pobre esqueleto branco entre as nevadas roupas!  
Tão lívida! O doutor deixou-a. Mortifica.  
Lidando sempre! E deve a conta na botica!  
Mal ganha para sopas...

O obstáculo estimula, torna-nos perversos;  
 Agora sinto-me eu cheio de raivas frias,  
 Por causa de um jornal me rejeitar, há dias,  
 Um folhetim de versos.

Que mau humor! Rasguei uma epopeia morta  
 No fundo da gaveta. O que produz o estudo?  
 Mais duma redação, das que elogiam tudo,  
 Me tem fechado a porta.

A crítica segundo o método de Taine  
 Ignoram-na. Juntei numa fogueira imensa  
 Muitíssimos papéis inéditos. A imprensa  
 Vale um desdém solene.

Com raras exceções merece-me o epigrama.  
 Deu meia-noite; e em paz pela calçada abaixo,  
 Soluça um sol-e-dó. Chuvisca. O populacho  
 Diverte-se na lama.

Eu nunca dediquei poemas às fortunas,  
 Mas sim, por deferência, a amigos ou a artistas.  
 Independente! Só por isso os jornalistas  
 Me negam as colunas.

Receiam que o assinante ingênuo os abandone,  
 Se forem publicar tais coisas, tais autores.  
 Arte? Não lhes convêm, visto que os seus leitores  
 Deliram por Zaccone.

Um prosador qualquer desfruta fama honrosa,  
 Obtém dinheiro, arranja a sua coterie;  
 E a mim, não há questão que mais me contrarie  
 Do que escrever em prosa.

A adulação repugna aos sentimentos finos;  
 Eu raramente falo aos nossos literatos,  
 E apuro-me em lançar originais e exatos,  
 Os meus alexandrinos...  
 E a tísica? Fechada, e com o ferro aceso!  
 Ignora que a asfixia a combustão das brasas,  
 Não foge do estendal que lhe umedece as casas,  
 E fina-se ao desprezo!

Mantém-se a chá e pão! Antes entrar na cova.  
 Esvai-se; e todavia, à tarde, fracamente,  
 Oiço-a cantarolar uma canção plangente  
 Duma opereta nova!

Perfeitamente. Vou findar sem azedume.

Quem sabe se depois, eu rico e noutros climas,  
 Conseguirei reler essas antigas rimas,  
 Impressas em volume?

Nas letras eu conheço um campo de manobras;  
 Emprega-se a reclame, a intriga, o anúncio, a blague,  
 E esta poesia pede um editor que pague  
 Todas as minhas obras

E estou melhor; passou-me a cólera. E a vizinha?  
 A pobre engomadeira ir-se-á deitar sem ceia?  
 Vejo-lhe luz no quarto. Inda trabalha. É feia...  
 Que mundo! Coitadinha!

Quando nos reportamos ao poema *Contrariedades*, de início, partindo do título, já podemos perceber que o eu-lírico traz a tona seus sentimentos de descontentamento em relação à sociedade na qual está inserido. De acordo com o minidicionário da língua portuguesa, Mini-Aurélio, “contrariedade” se refere à decepção, transtorno, desgosto, aborrecimento, entre outras definições. Fazendo uma relação do título do poema com a definição mostrada pelo minidicionário Aurélio, percebemos que ambos estão relacionados ao que Cesário Verde nos vem mostrando em sua poesia, certa inquietação com relação à humilhação que a sociedade dominante impõe sobre os oprimidos, menos favorecidos e que surge em primeira instância ao que está ligado ao seu contexto social, ou seja, nos afirmar que é no ambiente social em que o sujeito lírico está inserido que se torna palco para grandes desigualdades sociais.

Na primeira e segunda estrofes, percebe-se que o eu - lírico denuncia seu estado de espírito, o qual se remete ao título – contrariado. Nessas estrofes, são apresentados os perfis do eu- lírico, através dos quais o mesmo se encontra desgostoso, contrariado, alheio à opressão que é posta aos mais fracos, tornando-os marginalizados, ignorantes. Notamos que os adjetivos: cruel, frenético, exigente, bizarros vêm acentuar o estado de espírito do eu - lírico que se encontra contrariado diante das práticas sociais da realidade em que vive, como revelam os versos a seguir:

*“Eu hoje estou cruel, frenético, exigente;*

*Nem posso tolerar os livros mais bizarros.*

*Incrível! Já fumei três maços de cigarros*

*Consecutivamente.”*

Dessa forma, de início, já fazemos inferências de que o autor está contrariado. Mais a frente ele dirá os motivos pelos quais se encontra nesse estado. Nesse poema, especificamente na terceira e quarta estrofes, o poeta mostra a situação da engomadeira que está tuberculosa e faz uma crítica aos maus tratos em que se encontram os doentes e traz a figura feminina, desta vez, vítima da tirania social. A mulher é humilhada, esquecida pela sociedade dominante porque faz parte de uma classe social inferior, ou seja, a mulher é pobre.

Enquanto no poema “Humilhações” a mulher é o ser que humilha e que despreza, temos em “Contrariedades” uma contraposição dessa imagem, uma vez que a mulher é subjugada, humilhada, provocando o descontentamento do eu - lírico. Trata-se de imagens bem distintas que devem ser levadas em consideração, já que uma das principais características de Cesário Verde é contrapor. Os versos a seguir expressam o mal estar da engomadeira:

*“Uma infeliz, sem peito, os dois pulmões doentes;*

*Sofre de faltas de ar, morreram-lhe os parentes*

*E engoma para fora.”*

Nas estrofes seguintes, da quinta a décima segunda, o poeta faz um desabafo com relação a sua situação diante da imprensa, uma vez que o poeta teve problemas quanto à publicação de alguns de seus poemas. Diante desse fato, observamos o que Candido (1998) nos diz com relação a essa relação autor/eu- lírico, já que percebemos que o autor denuncia uma situação que diz respeito a sua própria realidade, vivencia em um de seus poemas, que tem como finalidade fazer com que o leitor seja capaz de comparar fatos da realidade de uma sociedade com os da construção poética, comparações estas historicamente comprovadas e que podem ser feitas pelo leitor. Vejamos, a esse respeito, os versos a seguir:

*“Por causa dum jornal me rejeitar, há dias,*

*Um folhetim de versos.*

*Que mau humor! Rasguei uma epopeia morta*

*No fundo da gaveta. O que produz o estudo  
 Mais duma redação, das que elogiam tudo,  
 Me tem fechado a porta.  
 A crítica segundo o método de Taine  
 Ignoram-na. Juntei numa fogueira imensa  
 Muitíssimos papéis inéditos. A imprensa  
 Vale um desdém solene.”*

Portanto, em “Contrariedades”, coloca-se em evidência a questão social, na qual ambos os sujeitos representados no poema se encontram, ou seja, tanto o eu - lírico como a engomadeira estão vulneráveis a uma sociedade corrupta e injusta. Observa-se, nesse sentido, apenas uma diferença, ele está em uma realidade mais favorável que a dela, já que a engomadeira, além de trabalhar doente para se manter, se encontra só e alheia aos descasos desumanos que partem da sociedade dominadora, enquanto que ele se encontra “vulnerável” aos ditames da imprensa que rejeita seus trabalhos.

Nesse poema, diferente de “Humilhações”, o eu - lírico se identifica com a mulher, já que ambos estão a mercê de uma sociedade opressora. Mais uma vez, as imagens representadas convergem a manutenção de conflitos sociais, trata-se de imagens desagradáveis aos olhos do poeta, uma vez que os menos favorecidos e subservientes se sentem obrigados a cumprir com as exigências de uma sociedade dominante e opressora.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Partindo da ideia de que a literatura é uma manifestação artística capaz de permitir ao indivíduo se enxergar e enxergar o outro de uma forma mais humanizadora, e de que, ao mesmo tempo, ela também nos permite estar mais próximo do outro, podemos afirmar com clareza que se apropriar (através da literatura) das emoções, do cotidiano, do diferente, do curioso faz com que percebamos o quanto existe muito mais a se questionar/investigar e

buscar, em tudo o que nos rodeia e em tudo o que está presente em nossa realidade, um verdadeiro sentido, um real prazer.

Nesse sentido, afirmamos que buscar resultados para as nossas inquietações através da literatura é uma prática incansável, uma vez que a própria nos permite investigar/analisar as recriações de uma dada realidade a partir de vários olhares, vários segmentos e, acima de tudo, de várias verdades. De acordo com Candido (1998), podemos entender que os poemas aqui analisados podem sim causar no leitor uma impressão de verdade, uma vez que, verossímil ou não, foram articulados coerentemente. Assim, compreendemos também tal construção poética como subsídio para que o sujeito encontre diversas formas de transfigurar a imagem real da vida social.

Diante dessa realidade que a literatura nos propõe, com uma análise aprofundada e fundamentada da obra de Cesário Verde, especificamente nos poemas que foram citados em nosso trabalho, foi possível conhecer e avaliar de forma singela o que esta tem a nos oferecer, uma vez que a mesma nos possibilitou novos olhares acerca da realidade social, assim como enxergar o contexto social como um elemento fundamental para a construção de conflitos interiores e exteriores do sujeito.

Foi possível entender também a figura feminina, a partir da visão do poeta, como, de um lado, uma mulher que carrega sobre si as dificuldades de uma vida social, e, de outro, aquela que se mostra inacessível por estar no topo da pirâmide social, sendo esta a causadora de conflitos para o eu - lírico que se sente humilhado e inferiorizado diante dela.

Além de tudo o que foi exposto, enxergarmos, através de nossa análise, a capacidade que as obras literárias têm, especificamente a obra de Cesário Verde, em nos convencer de que a relação entre a realidade e a ficção é aceitável e permitida quando articuladas de forma coerente.

#### **BETWEEN *HUMILHAÇÕES* AND *CONTRARIEDADES*: REPRESENTATIONS OF SOCIAL CONFLICTS IN CESÁRIO VERDE'S POETRY**

**ABSTRACT:** This paper deals with the following topic: the social conflicts faced by the individual represented in Cesário Verde's poetry. The aim of this study is to analyze, particularly in the poems *Humilhações* and *Contrariedades*, in what manner the individuals, mostly what pertains to the poetic persona, are influenced by the social environment in which they live for the maintenance of social conflicts and inequalities. The debate regarding this topic emerged from our uneasiness in relation to the social context's influence over the individuals' behavior and over the social roles they play in their contexts. This way, when we focus on analyzing Cesário Verde's poetry, even though the individual lives in a civilized

place, such a space can also be a place of vulnerability and social conflicts lived by the individual. Thereby, we chose fiction, specifically the poetic works by Portuguese writer Cesário Verde, in order to verify if this relation is feasible, and we selected this author and his works because we noticed a recurrence of the theme. We carried out a bibliographic study and a listing of poems by the author which present the mentioned theme until finding the texts that were utilized in the analysis. In this research, we considered assertions by theorists, like Saraiva (2005), Candido (1998), and Moises (2006, 2008). After analyzing the poems by Cesário Verde, it was noticed that, in his works, peculiarly in the poems *Humilhações* and *Contrariedades*, it seems that the presence of his identification with the individuals' social conflicts is outstanding, such as in the profiles presented by the poetic persona, which relate to suffering, humiliation, and the disregard for the individual. The poet, in his papers, presents us how social conflicts are associated with risky and vulnerability situations of the individual.

**KEY-WORDS:** Individual. Social Conflicts. Inequalities.

## REFERÊNCIAS

ABDALA Jr., Benjamin & PASCHOALIN, Maria Aparecida. **História social da Literatura Portuguesa**. 2. ed. São Paulo, Ática, 1985.

CANDIDO, Antônio. **O discurso e a cidade**. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1998.

CANDIDO, Antônio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 11. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2007.

MOISES, Massaud. **Romantismo-Realismo**. 9. ed. Rio de Janeiro: Difel, 2006.

MOISES, Massaud. **A literatura portuguesa**. São Paulo: Cultrix, 2008.

MOISES, Massaud. **A literatura portuguesa através dos textos**. São Paulo: Cultrix, 2010.

SARAIVA, Antônio José; Lopes, Oscar. **História da Literatura Portuguesa**. 17 Ed. Porto-Portugal: Bloco Gráfico, 2005.